ARTE/cidade
AS MÁQUINAS DE GUERRA
CONTRA
OS APARELHOS DE CAPTURA

Estamos agora a uma altura de 20 mil pés, a temperatura é 18º.
À direita de seus assentos, os senhores já podem avistar
a cidade de São Paulo.

São Paulo, 7:30h

ARLOS
RATKE
DE ARQUITETURA
FENAET CIEE'2001

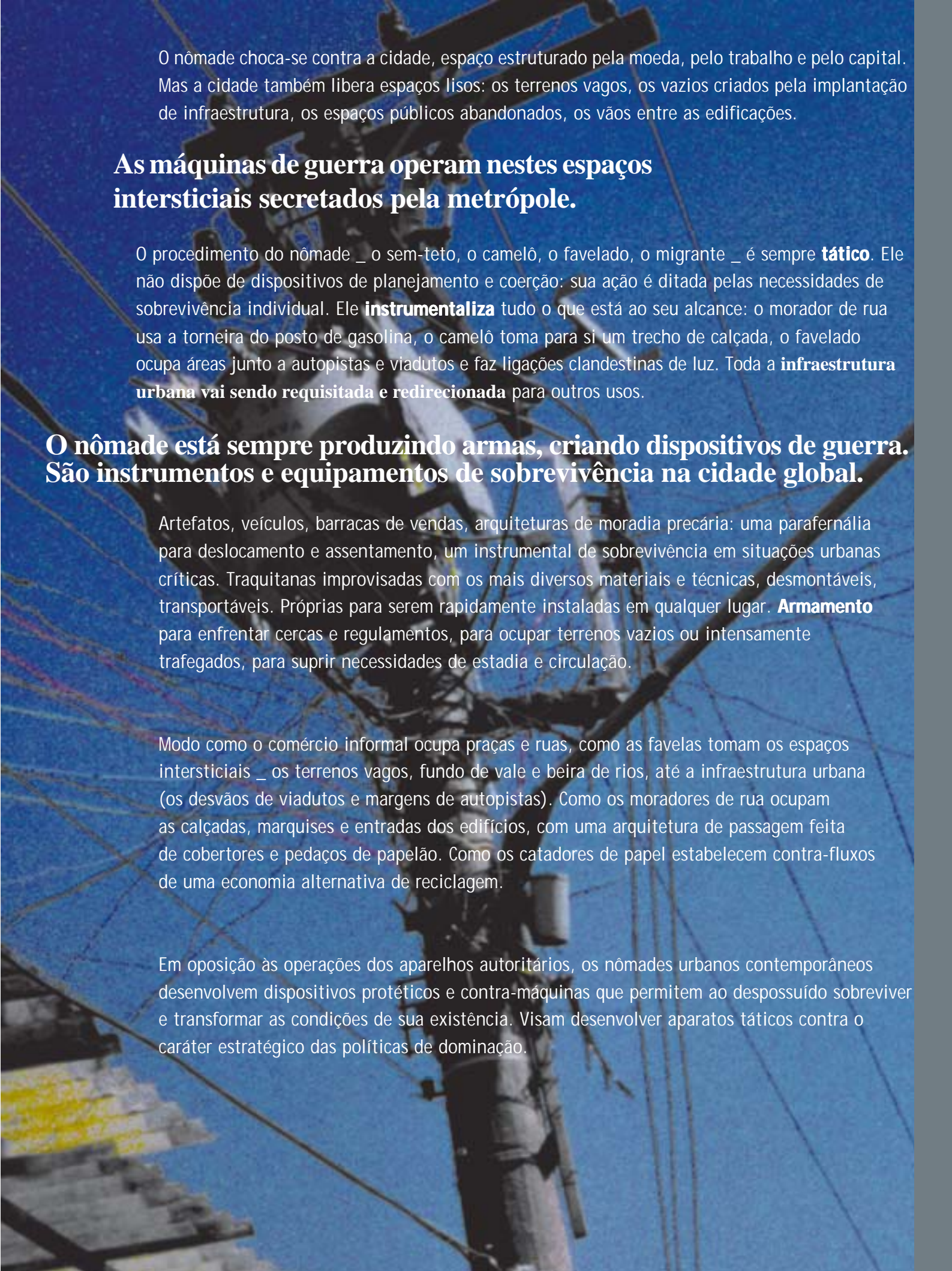
Daqui é possível ter uma visão panorâmica das famosas explosões de desenvolvimento que atraem milhares de visitantes anualmente. Vejam que espetáculo.
Iniciaremos nosso procedimento de pouso dentro de 5 minutos.

Visita de Rem Koolhas ao Brasil

as máquinas de guerra X os aparelhos de captura

uma fotonovela sci-fi

São Paulo transformou-se num **campo de batalha**. Uma guerra eclodiu pela ocupação de áreas urbanas inteiras, pelo controle da infraestrutura, das instituições e dos espaços públicos. A cidade converteu-se num arquipélago de enclaves modernizados _ com suas torres corporativas, shopping centers e condomínios fechados _ cercados por vastas áreas abandonadas, terrenos vagos ocupados por populações itinerantes. Camelôs tomam as ruas, favelas vão preenchendo os espaços entre as autopistas, grupos de sem-teto instalam-se sob viadutos. Como uma maré informe, espraiam-se por todos os lados, tomando os espaços intersticiais.

Uma terra de ninguém, uma área conflagrada. Uma paisagem terminal em que construções modernas convivem com dispositivos de sobrevivência. Verdadeiras máquinas de guerra atravessam esses desertos urbanos. Tendas de camelôs ocupando as calçadas. Grupos acampados nos cruzamentos, sob os viadutos. Shoppings populares surgem nos distritos financeiros. Populações inteiras invadem prédios vazios no centro e terrenos na periferia da cidade. Uma nova economia, uma nova modalidade de ocupação do território urbano.

As formas mais extremas de modernização convivem com novas condições urbanas _ informais, transitórias, clandestinas _ geradas pela integração global.

A história contada aqui acompanha as profundas transformações ocorridas, nos últimos anos, nas relações de poder e nas formas de ocupação do espaço urbano em São Paulo. Transformações que fizeram com que novas máquinas de guerra tomassem posições neste campo de forças.

A máquina de guerra se constitui por uma certa maneira de ocupar o espaço. É uma invenção de populações itinerantes, que ocupam o território pelo deslocamento, por trajetos que distribuem indivíduos e coisas num espaço aberto e indefinido.

A máquina de guerra opera fora do aparelho de Estado e da economia corporativa, fora dos dispositivos de estruturação e controle do espaço urbano.

A máquina promove uma guerra sem linha de combate, sem frente ou retaguarda. Seu modelo é turbilhonar: trata-se de distribuir-se num espaço aberto, ocupar o território, preservar a possibilidade de surgir em qualquer ponto. O movimento já não vai de um ponto a outro, mas tornar-se contínuo, sem partida nem chegada. Constitui **um espaço liso, feito de linhas de movimento e conexões**, em contraposição ao espaço repartido, métrico, do Estado. É um **território de pequenas ações de contato, tátil**, mais do que visual. Configurações informes que escorrem e vazam, preenchendo todos os vazios existentes. Modo como o fluído ocupa o espaço.

O nômade choca-se contra a cidade, espaço estruturado pela moeda, pelo trabalho e pelo capital. Mas a cidade também libera espaços lisos: os terrenos vagos, os vazios criados pela implantação de infraestrutura, os espaços públicos abandonados, os vãos entre as edificações.

As máquinas de guerra operam nestes espaços intersticiais secretados pela metrópole.

O procedimento do nômade _ o sem-teto, o camelô, o favelado, o migrante _ é sempre **tático**. Ele não dispõe de dispositivos de planejamento e coerção: sua ação é ditada pelas necessidades de sobrevivência individual. Ele **instrumentaliza** tudo o que está ao seu alcance: o morador de rua usa a torneira do posto de gasolina, o camelô toma para si um trecho de calçada, o favelado ocupa áreas junto a autopistas e viadutos e faz ligações clandestinas de luz. Toda a **infraestrutura urbana vai sendo requisitada e redirecionada** para outros usos.

O nômade está sempre produzindo armas, criando dispositivos de guerra. São instrumentos e equipamentos de sobrevivência na cidade global.

Artefatos, veículos, barracas de vendas, arquiteturas de moradia precária: uma parafernália para deslocamento e assentamento, um instrumental de sobrevivência em situações urbanas críticas. Traquitanas improvisadas com os mais diversos materiais e técnicas, desmontáveis, transportáveis. Próprias para serem rapidamente instaladas em qualquer lugar. **Armamento** para enfrentar cercas e regulamentos, para ocupar terrenos vazios ou intensamente trafegados, para suprir necessidades de estadia e circulação.

Modo como o comércio informal ocupa praças e ruas, como as favelas tomam os espaços intersticiais _ os terrenos vagos, fundo de vale e beira de rios, até a infraestrutura urbana (os desvãos de viadutos e margens de autopistas). Como os moradores de rua ocupam as calçadas, marquises e entradas dos edifícios, com uma arquitetura de passagem feita de cobertores e pedaços de papelão. Como os catadores de papel estabelecem contra-fluxos de uma economia alternativa de reciclagem.

Em oposição às operações dos aparelhos autoritários, os nômades urbanos contemporâneos desenvolvem dispositivos protéticos e contra-máquinas que permitem ao despossuído sobreviver e transformar as condições de sua existência. Visam desenvolver aparatos táticos contra o caráter estratégico das políticas de dominação.

A política nômade consiste em criar uma série de procedimentos e equipamentos para auto-suficiência sob condições em constante mudança: máquinas de guerra.

São eles que engendram as novas condições urbanas, as cidades em mutação. Tudo é uma questão de logística, meios de sobrevivência econômica na cidade _ coletar, guardar, carregar, trocar, vender, abrigar. Esses veículos são instrumentos contra os aparatos da reestruturação urbana. Evidenciam as relações entre revitalização e deslocamento populacional, facilitam a ocupação do espaço por indivíduos sem moradia, atacam a imagem da coerência urbana construída pela exclusão. Suas ações são operações de travessia, de transgressão de fronteiras _ geopolíticas e sociais, privadas e públicas.

Buscam criar zonas que sejam territórios abertos nos intervalos dos espaços estruturados da cidade.

As populações sem moradia transbordam os limites espaciais tradicionais estabelecidos da exclusão social _ as periferias afastadas e as encostas _ para invadirem toda a cidade. Infiltram-se nas fissuras do tecido urbano, nos desvãos do construído, em todos os espaços intersticiais.

Habitam as dobras e fissuras da cidade.

É uma operação de reconquista do território urbano, movida contra as regulamentações administrativas e a urbanização excludente do capital. São manobras de guerrilha urbana: desviam de obstáculos para penetrar por outras frestas, reinventam constantemente novas economias e táticas de ocupação. Suas formações de combate e manobras constituem uma verdadeira empresa bélica. Seus ataques consistem em sitiar e invadir os espaços, cortar as vias de comunicação e estabelecer linhas de fuga.

Taxi!
É aqui?
É aqui mesmo doutor.
Quanto deu?

Encontro na SP Tower 9:15h

A qualidade de vida vai mud
para o centro de São Paul

Parque
Shopping
Centro de exposições
e convenções
Empregos

FORA
PITT

Preciso encontrar um hotel

O ESTADO DE S.PAULO
EIS 2
SÃO PAULO
de áreas incorporáveis
á cada vez mais voltada para
alto padrão
CITIBANK
BRATKE
COLLET
ALUGA

O importante é o desenho
O conselho dos arquitetos e especuladores imobiliários está reunido no último andar, elevador em frente, obrigado.
Vamos criar um novo ser humano

A cidade é nossa.
Tenho um projeto revolucionário
A inspiração vem das curvas da mulher brasileira
Construir! Especular!
Queremos a sua participação.
O contrato está aqui.
Pense e nos responda o quanto antes.

Até o Ibirapuera está sendo capturado...

aparelhos de captura:

CONTROLAR O NOMADISMO

Aparelhos de captura são constituídos para se apropriarem das máquinas de guerra. Sua função é estriar o espaço, **controlar o nomadismo**.
Instaurar um processo de captura dos fluxos. Trajetos fixos, em direções bem determinadas, que limitem a velocidade, que mesurem nos seus detalhes os movimentos. O Estado não pára de decompor o movimento e regular a velocidade.

É o modelo da fortaleza: cada vez que há operação de desestabilização, que um novo potencial monádico aparece, a resposta do aparelho consiste em estruturar o espaço, contra tudo o que ameaça invadir ou transbordá-lo. Daí as cercas, os condomínios, as áreas restritas para o comércio informal, as práticas de remoção das populações sem moradia.

A arquitetura é, em geral, um aparelho de captura.

No **capitalismo globalizado**, porém, baseado em fluxos financeiros e processos especulativos, generaliza-se a circulação, transbordando as fronteiras, os dispositivos de estruturação, as formas de organização do trabalho. Toda a vida social está hoje inteiramente absorvida na produção capitalista. Tudo é definido em termos de valor de troca, tudo é mercadoria. A potência produtiva dos indivíduos é organizada de acordo com dispositivos de mobilização e/ou segregação. A economia informal, o trabalho de coleta, as ocupações de populações sem teto _ tudo são operações no interior das dinâmicas da sociedade capitalista global.

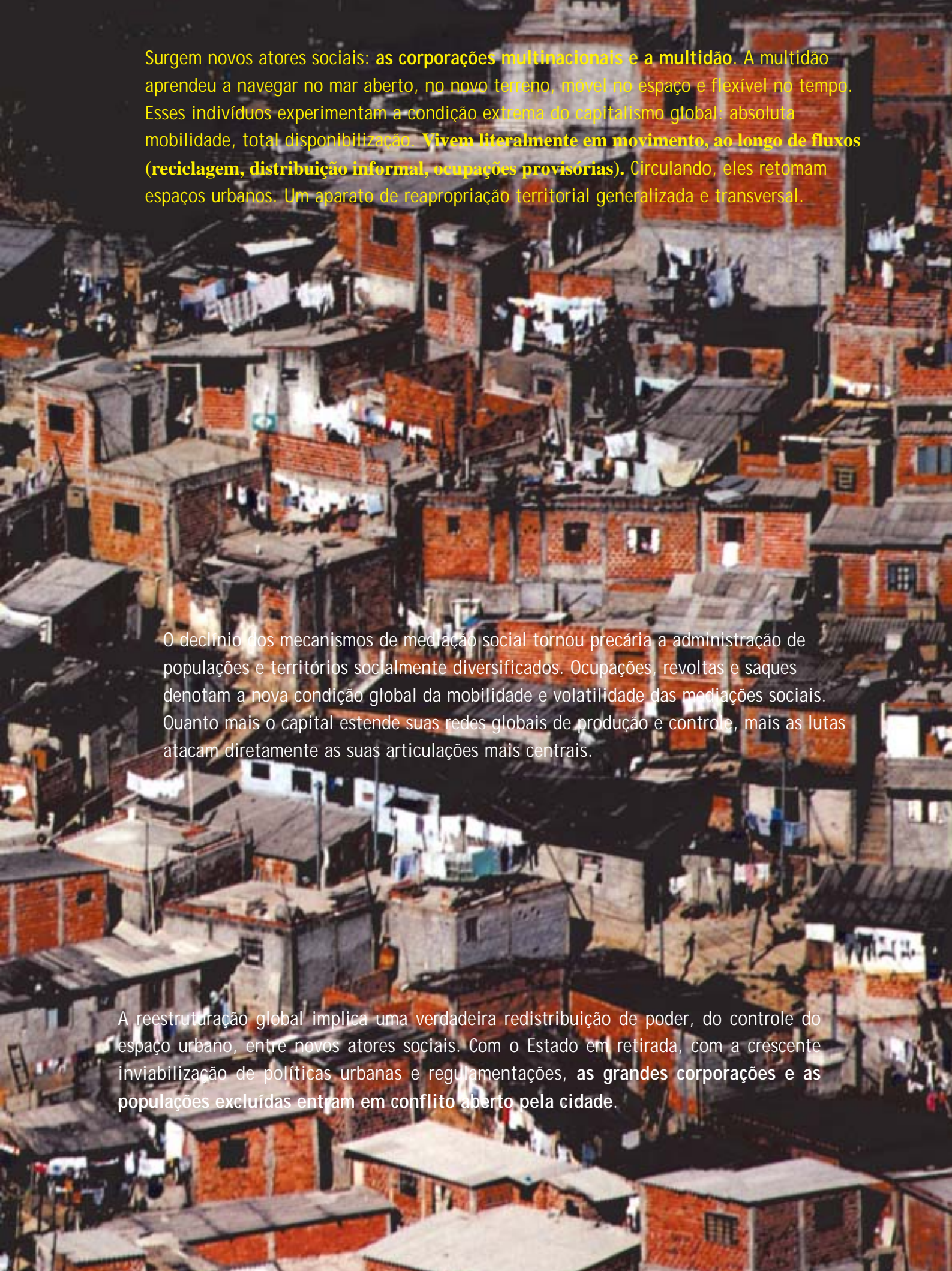
O **papel estratégico dos grandes centros urbanos na reestruturação global** torna a própria cidade um objeto de apropriação. A economia transnacional gera novas reivindicações sobre a cidade. Tanto do capital global, que usa a cidade como base organizacional, quanto de setores excluídos. Os dois lados advogam direitos _ contraditórios _ sobre o espaço urbano.

A cidade torna-se o campo de batalha das máquinas de guerra contra os aparelhos de captura.

As cidades globais implicam novas formas de centralização territorial. São locais de imensa concentração de poder econômico e centros de comando na economia internacional. Aqui se instaura o sistema de controle global: as cidades transformadas em quartel-general de operações, centros de serviços e financiamento da nova ordem internacional. **Estes enclaves são espaços estratégicos transnacionais ancorados nas metrópoles.**

O declínio do papel do Estado corresponde à redução da capacidade regulatória das nações sobre setores chave das suas economias. A globalização transformou os espaços de governabilidade das economias. Fluxos eletrônicos transcendem jurisdições e fronteiras convencionais. As cidades globais _ os emergentes sistemas urbanos transnacionais _ tornaram-se locais para a implementação de mecanismos de governância na economia global.

É o modo de incorporação na rede global: São Paulo juntou-se ao sistema financeiro internacional depois que o país desregulamentou, ao menos em parte, sua economia. A desregulação é um meio pelo qual os estados impulsionam a globalização econômica e garantem os direitos do capital global. O Estado então passa a funcionar como o garantidor último dos direitos do capital, a negociar com as práticas transnacionais dos atores corporativos. Essas políticas constituem o novo regime legal que alicerça o processo de integração global e o poder corporativo. Instauram-se operações de controle global, visando a organização e gestão de um sistema produtivo e financeiro em escala planetária.

cidade global

No outro extremo do campo de forças instaurado no território metropolitano, estão os que não tem acesso a essas novas configurações, os que foram marginalizados da economia global e engendram novos modos de inserção social e ocupação da cidade. Os que usam de outros expedientes _ informais, ilegais _ nas suas demandas. Nômades armados de seus equipamentos táticos, de suas máquinas de guerra.

Os dois grupos encontram na cidade o terreno estratégico para suas operações.

A nova rede de lugares estratégicos é um terreno para a política. A perda de poder do Estado produz novas formas de poder e política local, fora dos sistemas políticos formais. A desnacionalização do espaço urbano e a formação de novas reivindicações por novos atores colocam a questão:

de quem é a cidade?

A metrópole de hoje emerge como um local estratégico para todo um leque de novos tipos de operações _ políticas, econômicas e culturais. Novos alinhamentos político-culturais compõem o campo de batalha da cidade global.

Surgem novos atores sociais: **as corporações multinacionais e a multidão**. A multidão aprendeu a navegar no mar aberto, no novo terreno, móvel no espaço e flexível no tempo. Esses indivíduos experimentam a condição extrema do capitalismo global: absoluta mobilidade, total disponibilização. **Vivem literalmente em movimento, ao longo de fluxos (reciclagem, distribuição informal, ocupações provisórias).** Circulando, eles retomam espaços urbanos. Um aparato de reapropriação territorial generalizada e transversal.

O declínio dos mecanismos de mediação social tornou precária a administração de populações e territórios socialmente diversificados. Ocupações, revoltas e saques denotam a nova condição global da mobilidade e volatilidade das mediações sociais. Quanto mais o capital estende suas redes globais de produção e controle, mais as lutas atacam diretamente as suas articulações mais centrais.

A reestruturação global implica uma verdadeira redistribuição de poder, do controle do espaço urbano, entre novos atores sociais. Com o Estado em retirada, com a crescente inviabilização de políticas urbanas e regulamentações, **as grandes corporações e as populações excluídas entram em conflito aberto pela cidade**.

a guerra pelo espaço urbano

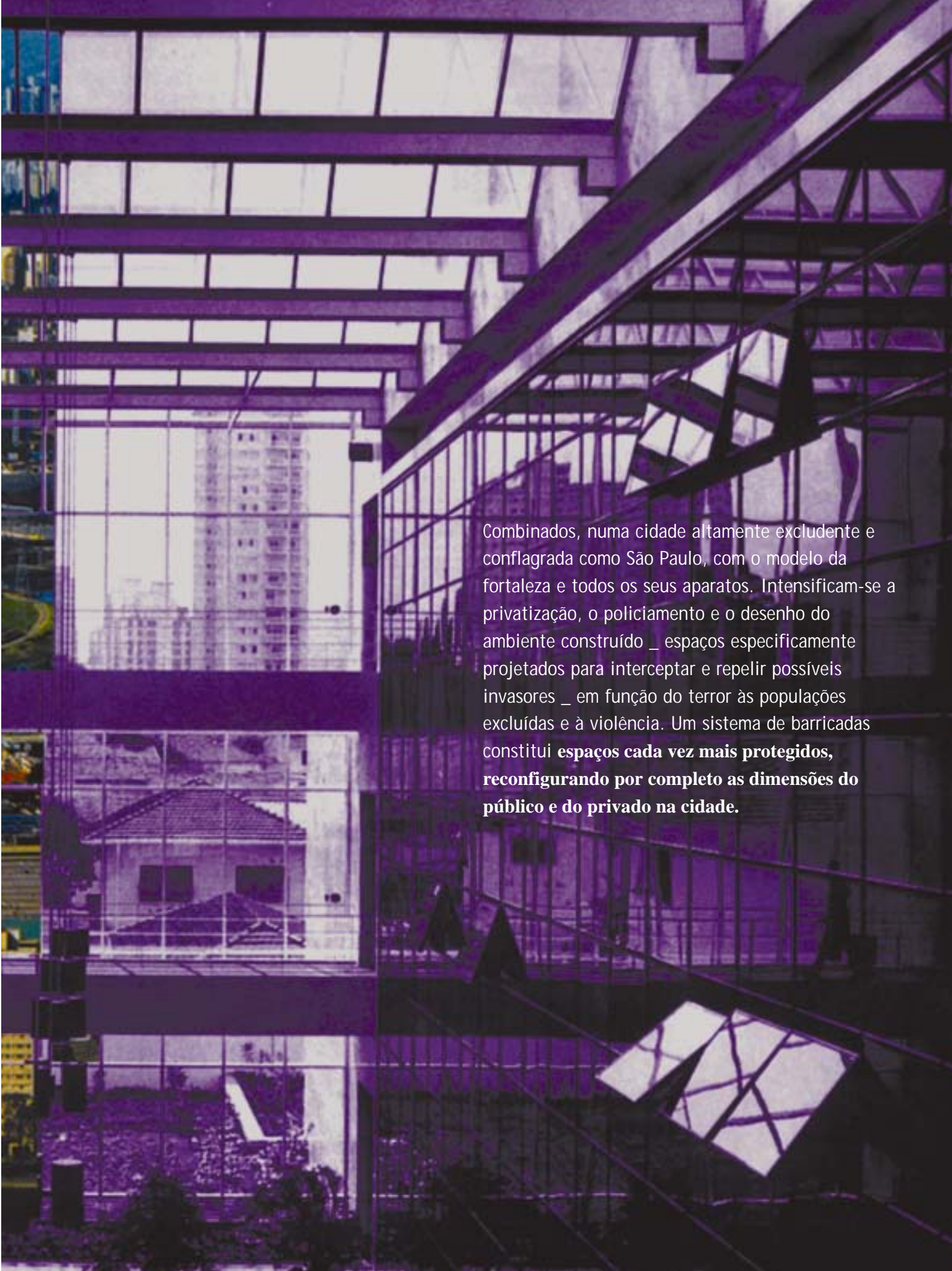
Na cidade da reestruturação global explode uma guerra civil pelo espaço urbano.

Capital e a multidão de pobres se opõem num antagonismo direto. A mobilidade selvagem e a migração em massa contribuem para o colapso do sistema. Êxodo e nomadismo tornam-se formas de oposição. Um modo oblíquo, diagonal, de ser contra: **a mobilidade como política ativa.**

Na economia globalizada, os aparelhos de captura têm uma nova tarefa: organizar conjunções de fluxos cada vez mais descodificados. No capitalismo, com a generalização da circulação, esses fluxos transbordam sem parar. Com a globalização, o próprio capitalismo intensifica a produção de fluxos e a desmontagem dos antigos aparatos de dominação e contenção.

Emerge uma nova lógica e estrutura de comando. Um novo paradigma, configurado como **estrutura sistêmica dinâmica e flexível**. É a lógica de operação do capital global: as diferenças são arregimentadas em redes mundiais de poder, que consistem em estruturas altamente diferenciadas e móveis. O mercado mundial aparece como o aparelho capaz de regular redes globais de circulação.

As populações emancipadas das formas tradicionais de trabalho e poder são consignadas a um vasto gueto com fronteiras indeterminadas, constituído por favelas e atividades informais. Mas também são disponibilizadas para uma mobilidade transversal, exigindo uma nova forma de controle sobre o que não se submete mais a mecanismos disciplinares.

A proximidade de populações extremamente desiguais requer um poderoso aparelho de controle. A arquitetura urbana nas megalópoles configura essas novas segmentações. São dispositivos mais fluídos e porosos de discriminação espacial e social: trata-se de controlar o acesso, de modo a evitar o encontro casual de populações diversas. **Os grandes enclaves corporativos transnacionais** são indicativos dessa nova forma de controle territorial. No contexto da reestruturação urbana em escala global, projetos de desenvolvimento urbano instalam grandes núcleos urbanos de gerenciamento corporativo internacional, dotados de toda infraestrutura de comunicações e áreas adequadas de habitação e lazer. Implantações que em geral implicam a renovação de grandes contingentes populacionais que ocupavam aquelas áreas. São verdadeiros aparelhos de captura de regiões inteiras da cidade. Ai a arquitetura _ com os shopping centers e mega-museus _ cria novos mecanismos de separação e segmentação da multidão.

Combinados, numa cidade altamente excludente e conflagrada como São Paulo, com o modelo da fortaleza e todos os seus aparatos. Intensificam-se a privatização, o policiamento e o desenho do ambiente construído _ espaços especificamente projetados para interceptar e repelir possíveis invasores _ em função do terror às populações excluídas e à violência. Um sistema de barricadas constitui **espaços cada vez mais protegidos, reconfigurando por completo as dimensões do público e do privado na cidade.**

As novas instituições culturais não são organismos de produção e fomento, mas de apropriação. São predatórias: piratas culturais que tomam tudo como coisa passível de **incorporação para fins de valorização e marketing.**

Associam-se grandes corporações,
grupos financeiros,
especuladores imobiliários e
administradores culturais numa **empresa de conquista da cidade.**

O SEGREDO DA PAZ
Jesus
ERVAS
ONCORDIA
A CURA P
RVAS MEDICINAIS

O espaço urbano é inteiramente tomado por camelôs. A massa compacta de barracas transborda todos os limites estabelecidos, soterrando o desenho urbano e fazendo desaparecer as poucas referências remanescentes. Ela inviabiliza todas as outras atividades, redirecionando o uso da maior parte das edificações e dos equipamentos urbanos.

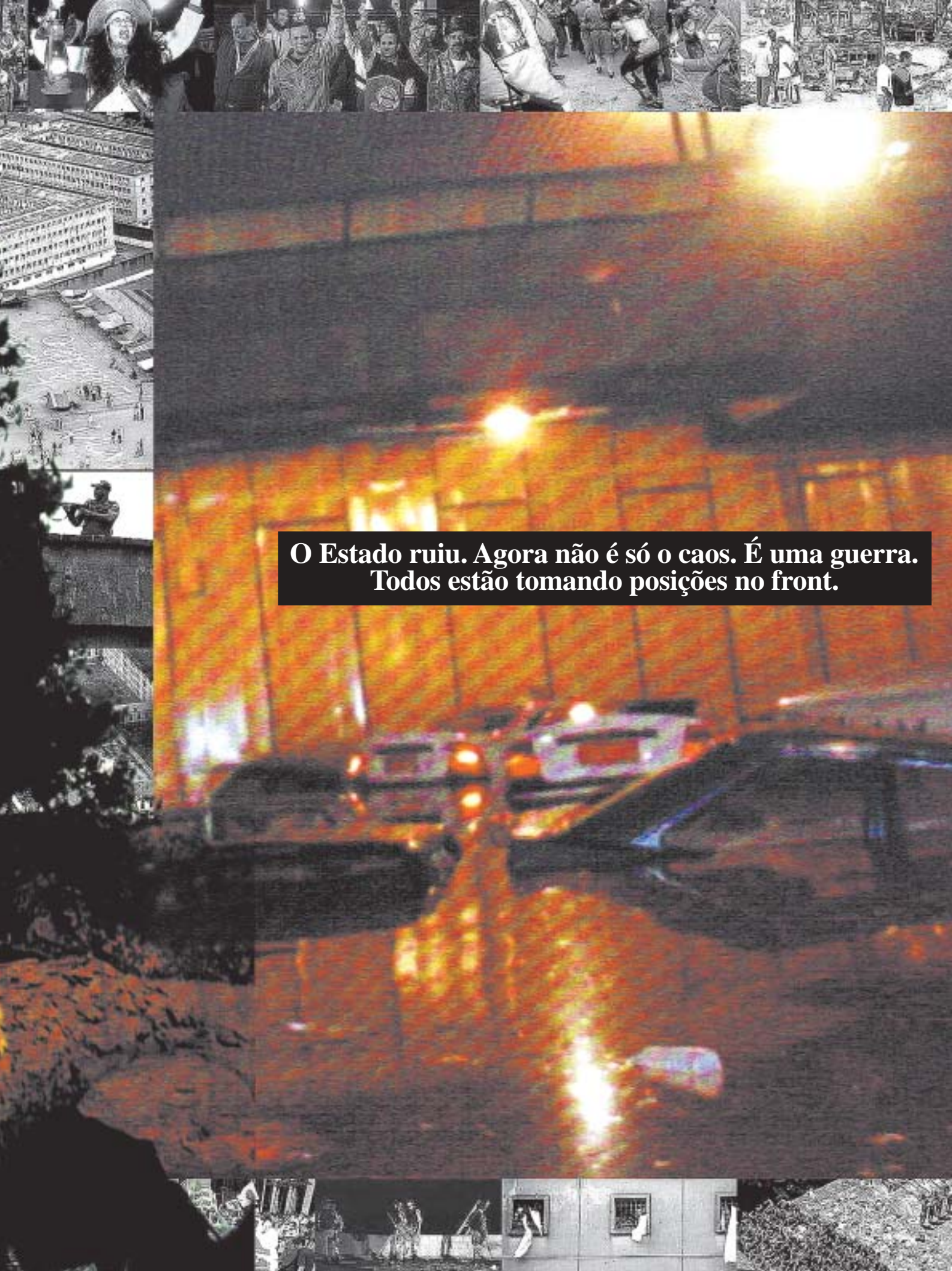
O informal promove uma completa dissolução da arquitetura e do urbanismo existentes.

Maré montante do indiferenciado, o comércio informal vai aos poucos tomando as áreas vizinhas. Uma expansão que se faz através de pequenos contatos, de uma calçada a outra, entre pontos infinitamente próximos. Um campo que se amplia sem condutores, sem qualquer ação planejada: como o líquido, espalha-se lentamente em todas as direções. Um movimento turbilhonário que submerge o que encontrar pela frente num vasto e ilimitado *terrain vague*.

Essas barracas, recobertas de plástico, apresentam uma variedade aparentemente infinita de roupas baratas, produtos falsificados e utensílios descartáveis. Tudo misturado, na mais absoluta indistinção. Parece impossível discernir algum padrão de organização e movimento nesse caos.

Seria o fim do urbanismo?

Viad. do Chá
Vou dar um passeio....
PEPSI
...esfriar a cabeça.

Promoção
SUPER DOG
COMPLETO
0,50
Lgo São Bento
Av. Prestes Maia

O Estado ruiu. Agora não é só o caos. É uma guerra.
Todos estão tomando posições no front.

o arquiteto é um guerrilheiro

DA INFRAESTRUTURA

Essas máquinas de guerra estão em luta pelo espaço urbano abandonado pelo Estado em colapso. Não por acaso a infraestrutura urbana é uma das principais frentes de batalha. Os vãos dos viadutos e autopistas são tomados por moradia e comércio de grandes contingentes populacionais. Os equipamentos urbanos são incorporados por uma arquitetura de madeira e restos industriais que preenche todo o espaço entre o solo e as pistas suspensas. O dispositivo arquitetônico toma massivamente todo o espaço disponível, sobrepondo pisos à medida que aumenta a altura do viaduto. Um segundo andar, com balcões e escadas que descem direto na calçada, é inserido e preso à estrutura de concreto acima.

A arquitetura convertida em máquina de guerra.

Moradias com varandas, vendas de produtos alimentares e bares ajustam-se junto às colunas dos viadutos. Ligações clandestinas puxam energia elétrica. A função original do equipamento, proporcionar interligação viária e acelerar o movimento, passa a coexistir com outro uso, mais lento, feito de articulações a curta distância, justaposições contíguas de elementos arquitetônicos, circulação restrita de produtos e passagem de pedestres.

Grandes incêndios originados nessas ocupações precárias têm, recentemente, abalado a estrutura desses equipamentos e provocado interrupções no tráfico viário. As campanhas da administração pública pela retomada da infraestrutura urbana são indicativas de uma nova situação na política da cidade. Enquanto novos projetos corporativos de desenvolvimento urbano são implantados subvertendo a legislação e apropriando áreas inteiras da cidade, as populações excluídas atacam o restante do espólio do espaço urbano.

elevador:

A globalização, diz Rem Koolhaas, faz emergir cidades que garantem sua existência e produtividade apesar da quase total ausência de infraestrutura.

Essas deficiências geram sistemas alternativos engenhosos e críticos, capazes de garantir eficácia em grande escala de dispositivos considerados informais ou ilegais. A globalização provém uma vasta gama de novas oportunidades para operar fora dos sistemas regulatórios. Um urbanismo intensamente material, descentralizado e congestionado.

arma infraestrutural

Camelôs, depósitos de materiais recicláveis, vendas e barracos ocupam os limites da propriedade privada e da infraestrutura urbana. Margens das autopistas, espaços sob viadutos, passarelas e leitos ferroviários são colonizados por várias formas de comércio, serviços e moradia. **Ocorre uma literal anexação da infraestrutura de transporte** por esses dispositivos de posse do solo.
O mercado informal adapta a infraestrutura viária para extrair dela o maior uso possível. Diferentes níveis de atividade econômica, em crescente interação e institucionalização, se desenvolvem nestes espaços intersticiais.

A urbanização informal segue uma lógica diferente e mais eficiente do que a da implantação infraestrutural.

Parte da infraestrutura torna-se propriedade imobiliária, desvios impostos à circulação redirecionam a infraestrutura estabelecida para outros lugares e usos. O movimento vagaroso indica o colapso do sistema viário criado pelo planejamento. As ruas dão lugar a barreiras e impasses que controlam áreas isoladas. As autopistas tornam-se acessos para configurações locais. Os elementos disfuncionais da infraestrutura de transporte da cidade, que agora dificultam a circulação, são recuperados como interstícios programados.

Na cidade global, a infraestrutura é implantada em função das novas áreas corporativas reestruturadas. Os equipamentos, que a princípio se integram de modo totalizante, tornam-se cada vez mais competitivos e locais. Em vez de redes, a nova infraestrutura cria enclaves. É um aparelho de captura. Ela agora não responde mais a necessidades, mas é uma arma estratégica do urbanismo dominante: um novo sistema de metrô é implantado em determinada área para fazer outra parecer antiga e congestionada.

Mas a infraestrutura pode ser também utilizada como máquina de guerra. O arquiteto opera taticamente, buscando modos de ocupar e redirecionar a infraestrutura.

Inventando programas que garantam o uso máximo dos equipamentos existentes. Obcecado com a manipulação de infraestrutura, visando infinitas intensificações e diversificações, interrupções e redistribuições. Um novo urbanismo voltado para a irrigação de territórios com potencial, a criação de campos que acomodem processos que recusem a serem cristalizados em formas definitivas.

máquinas

49
De Guerra

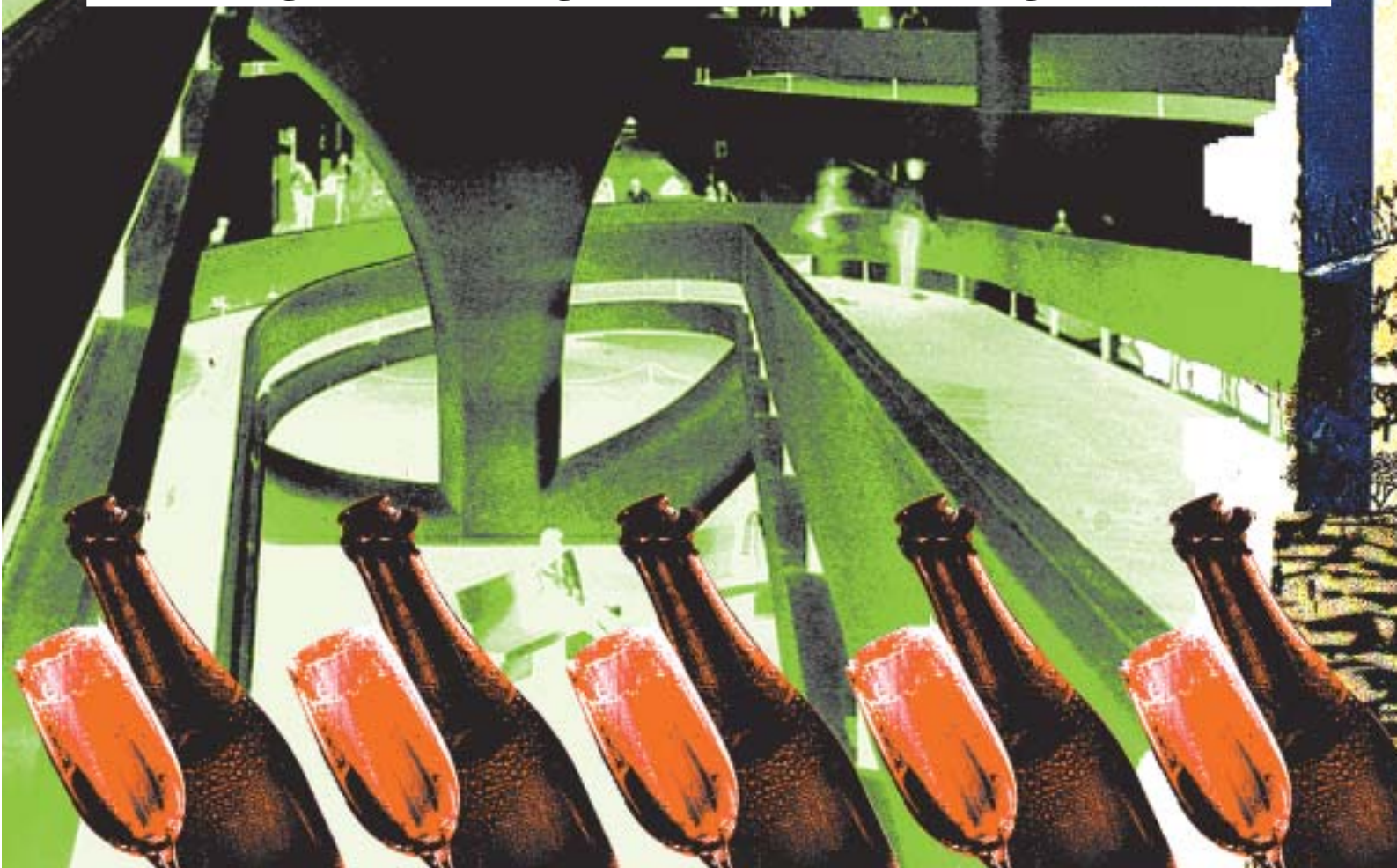
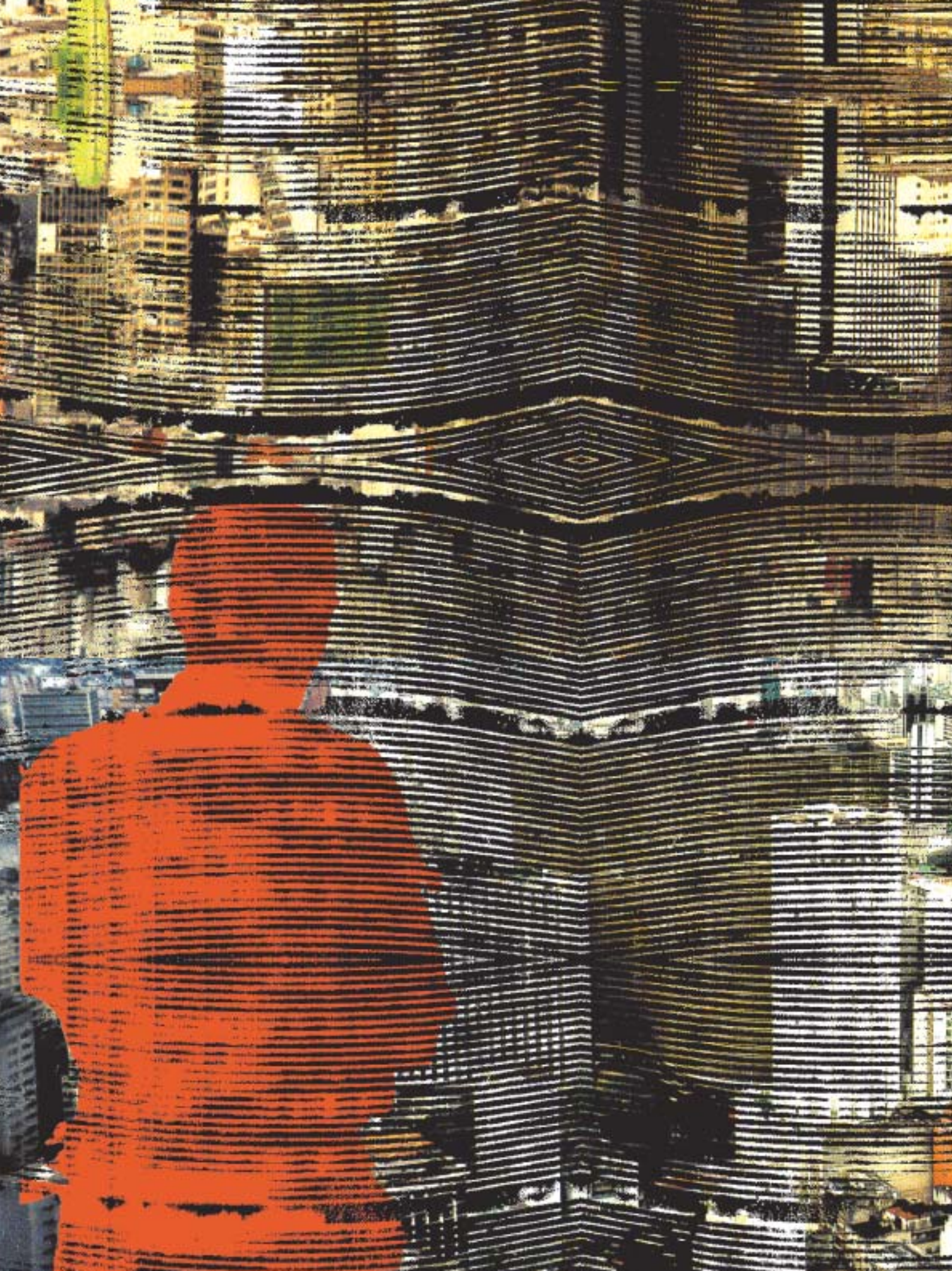
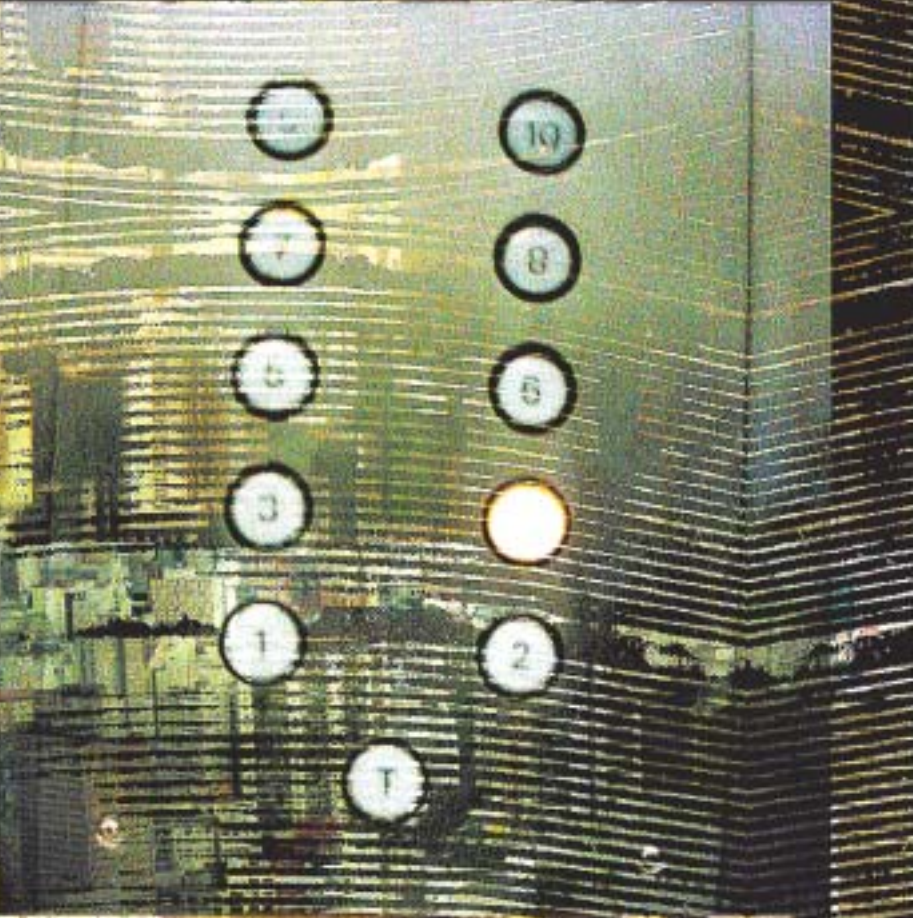
Enquanto isso, na SP Tower...
O importante é o traço...

...o público vai aplaudir.

POLICIA
CUIDADO
COM O

Farto
SAÍDA DE
EMERGÊNCIA
MINHOCAS
GIGANTES
AFRICANAS
PARA PESCA
RECANTO PARAISO
Puta merda!

Como fazer parte disso?
Como aceitar aquela proposta?
...aquele contrato.

Quando a gente não consegue fazer a coisa direito, a gente avacalha.*

16:00h
Vigésimo quinto andar, por favor.

E se a gente acabar com esse cara?

Parabéns,
a Neide vai acompanhá-lo até a sua sala.

Vôo 376 com destino a Miami e conexões. Última chamada portão 9.
18.00h

AS MÁQUINAS DE GUERRA CONTRA OS APARELHOS DE CAPTURA

Projeto: **Nelson Brissac e Chris Dercon**
Texto: **Nelson Brissac**
Assistente: **Andréia Moassab**

Projeto gráfico e colagens: **Ronaldo Miranda**
Roteiro: **Caco Galhardo**
Colagens adicionais: **Carlos Issa**

* A frase “Quando a gente não consegue fazer a coisa direito, a gente avacalha” é uma citação do filme “O bandido da luz vermelha”, de Rogério Sganzela, de 1968.

Textos utilizados:

Deleuze, G. / Guattari, F. - **Mille Plateaux**, Ed. de Minuit, Paris, 1980.
Deutsche, R. - **Evictions. Art and Spatial Politics**, MIT Press, Cambridge, 1996.
Harvey, D. - **The Condition of Postmodernity**, Blackwell, Cambridge, 1990.
Haacke, H. / Bourdieu, P. - **Libre-échange**, Éditions du Seuil, 1994.
Koolhaas, R. - **S,M,L,XL**, 010 Publishers, Rotterdam, 1995.
Negri, A / Hardt, M. - **Empire**, Harvard University Press, Harvard, 2000.
Sassen, S. - **Globalization and Its Discontents**, The New Press, NY, 1998.
Wodiczko, K. - **Critical Vehicles**, MIT Press, Cambridge, 1999.

A R T E C I D A D E Z O N A L E S T E

arte/cidade

grupo de intervenção urbana